



Mariana e Manuel

Gêmeos em Sarilhos

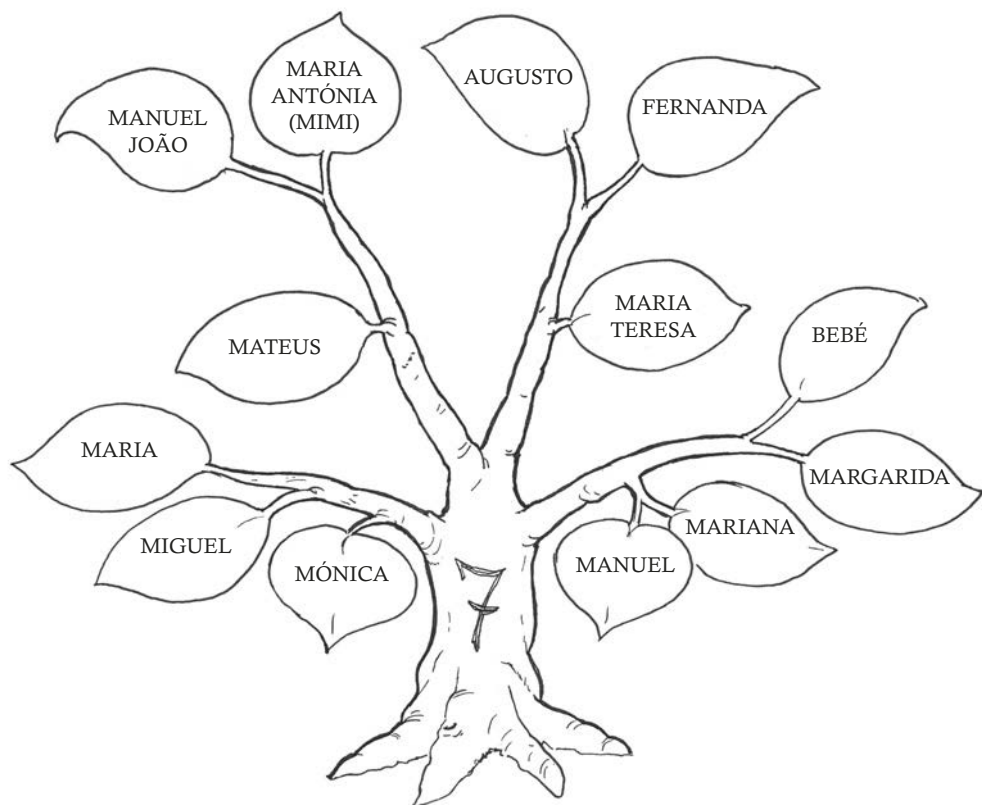
autoras **Margarida Fonseca Santos**
Maria João Lopo de Carvalho

ilustrações
Miguel Gabriel

**OFICINA
DO LIVRO**

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





UM

Olá, eu sou a Mariana.

E eu sou o Manel.

Somos gémeos...

Falsos, como se pode ver... Se fôssemos gémeos verdadeiros, éramos duas raparigas ou dois rapazes, iguais, iguais... Os gémeos falsos...

Não vais começar, pois não, Manel? Por favor!

Não sejas chata!

Vives enfiado em enciclopédias e coisas assim, sempre de óculos na ponta do nariz. Este meu irmão é mais ou menos o cromo cá de casa e da escola...

É exagero da Mariana. A única coisa que eu faço é estudar o que me interessa...

... e que não interessa a mais ninguém!

Eu gosto imenso de saber pormenores acerca de tudo: de factos, de descobertas científicas... Posso estar durante horas seguidas a ler artigos, a conhecer a História dos países, os costumes... Sou assim.

Eu interessei-me mais por outro tipo de coisas.

Que se chamam asneiras, Mariana; é isso, não é?

Ai, Manel! Que coisa! Até parece que eu estou sempre a fazer asneiras!

É um bocadinho verdade...

Bom, vamos lá parar com isto! Eu sou a Mariana...

É loura, de olhos azuis!

... tenho quase 12 anos e estou no 6.º ano, tal como o meu irmão, claro. Ficámos assim... entalados entre os irmãos mais velhos e as irmãs mais novas. Estamos na mesma turma, o que até podia ter graça, só que ele anda sempre metido consigo, calado... É o oposto de mim: uma desgraça!

Que estás sempre a conversar, a combinar parvoíces, e coisas do género.

Deixas-me falar, ou quê?!

Vá, fala...

Eu sou bem-disposta, gosto de fazer amigos, divertir-me com tudo! Dizem que me pareço mais ou menos com a Maria e que tenho um ar de santinha, imaginem! Cá em casa somos sete irmãos. Quer dizer, não somos bem sete, porque a nossa irmã mais velha, a Maria, fugiu de casa!

Não fugiu nada!!! A Maria está nos Estados Unidos a fazer o 12.º ano, é só isso. Esteve hesitante entre ficar lá e voltar, mas ficou! Deve ser uma experiência fantástica, porque se conhecem outras formas de viver; é outra cultura, é...

Não é nada! A Maria abandonou-nos! Passou lá o primeiro período inteirinho, Natal incluído! Nunca mais volta!!! E agora o Miguel, que é o nosso irmão a seguir, manda em nós como se fosse o rei!

É mentira... O Miguel partilha o quarto comigo e é fixe. É um craque do futebol, joga num clube em Santarém e até já teve convites para ir jogar para Barcelona, imaginem! Tem uma namorada muito querida...

E gaga!

O que é que tem ser gaga?! É tão gira... supersimpática! Eu gosto imenso da Rita. É uma miúda mesmo incrível!

Ó Manel! Tu estás apaixonado pela namorada do Miguel?!

Claro que não, que disparate...! Adiante. Depois, temos a Mónica, a nossa maria-rapaz de serviço.

E eu sou a desgraçada que partilha o quarto com ela. Enfim, não é má de todo... Mas anda sempre em atividades de BTT, jogos de futebol, coisas assim. Por acaso, às vezes até dá jeito, porque sou eu que fico com as roupas giras da Maria que ela não quer. Tem um namorado – é o Filipe. Também se atura... Ah... e adora animais, diz que vai ser veterinária, imaginem!

Depois temos as «bebés»... A Margarida, que tem quase 8 anos, mas que é muito divertida... e a Madalena, a superbebé, que só tem olhos para os pais e para a Mónica. Pensando bem, isso até tem algumas vantagens – não temos de a aturar quando ela faz birras.

Falamos dos animais?

Falamos, pois! Todos trazidos pela Mónica, como já devem ter adivinhado. O *Mister*, que é o nosso cão, é um rafeiro muito engraçado. Sabem o que quer dizer rafeiro? É um cão que não tem raça propriamente dita, ou seja, não se encaixa em nenhuma descrição criteriosa de cão, pois é um...

Cala-te, Manel! Já toda a gente percebeu. E depois há a *Estrelinha*, uma coelha branca que o Filipe deu à Mónica no dia em que começaram a namorar. Foi gira, a ideia. Claro que o *Mister* gostava mesmo era de a morder, mas nunca os deixamos juntos.

Espera aí, Mariana, esquecemo-nos de falar de uma pessoa muito importante: a Alice!!! É a senhora que toma conta de tudo cá em casa, mesmo tudo!!! Como somos muitos, podem imaginar a trabalhadeira que ela tem...

Também nos esquecemos de falar do João Pedro. Ele é o namorado da Maria, igualmente abandonado, como nós!!! O desgraçado anda para aí com um ar desolado. A sorte é ser eu a responsável por tomar conta dele.

Como se isso adiantasse...

Bom, vamos mas é sair daqui. Estamos apresentados, toca a avançar!

– Mariana? Quer contar à turma o que a faz rir dessa forma?

Era a professora de Inglês, que parara de dar a aula por causa dos risinhos da Mariana e da Mafalda,

uma das suas amigas inseparáveis, e esperava que se acalmassem.

– Desculpe, *setora*, não é nada...

Do outro lado da sala, o Manuel baixava os olhos. Ele sabia o que estava a motivar aquele riso, sabia. Bom, na verdade, toda a turma se apercebera do mesmo – a professora tinha um botão da camisa aberto, deixando ver uma camisola interior creme, com um padrão às florzinhas. Não seria nada de mais, não fosse a Mariana e a Mafalda repararem logo nisso e transformarem esse pormenor num bom motivo para gozar.

Como já não era a primeira vez que aquilo sucedia, o risco de serem as duas postas de castigo aumentava a cada minuto. No entanto, nem uma nem outra eram tolas ao ponto de deixarem que isso acontecesse por tão pouco. Contendo o riso, e mostrando-se finalmente sossegadas, a Mariana e a Mafalda permitiram que a aula continuasse.

À saída da sala, o Manuel pegou num livro que levaria de casa e, sentando-se num banco do pavilhão, começou a ler. Viu-as sair a correr para o pátio, mortas de riso, e suspirou.

Concentrou-se então nas páginas que tinha à sua frente. Estava interessadíssimo em descobrir como é que se fazia um rádio rudimentar, que, segundo dizia o texto, se podia montar com facilidade. Revia mentalmente o que precisaria de arranjar para conseguir montar a geringonça descrita no livro. Seria mesmo possível? Parecia que sim... O grande problema era não ser muito jeitoso de mãos.

Quando o Bruno se sentou ao seu lado, devorando um pão com chouriço maior do que ele, espreitou para os desenhos que descreviam o modo de montar o rádio. Vinha ofegante, pois o bar era do outro lado da escola, e os seus quilos a mais, bem como o blusão apertado, dificultavam-lhe a marcha.

– O que é isso? Um rádio?! Podemos fazer um rádio só assim?! Muito fixe! Altamente!

– Vou ver se arranjo tudo o que é preciso.

– Eu tenho um rádio velho – disse o Bruno, depois de engolir o que levara à boca. – Mas isso é muito bom! Queres que pergunte ao meu pai se nos ajuda?

Os olhos do Manuel iluminaram-se. Sendo o pai do Bruno engenheiro eletrotécnico, certamente teria tudo o que ali se pedia.

– Nem me tinha lembrado disso! Já pensaste? Podíamos ouvir as rádios todas, com uma coisa destas...

– Muito alternativo, não era?

A campainha soou, e o pavilhão voltou a encher-se de alunos. O Bruno olhou para o pão, que ainda ia só a meio. Teria de ficar para o intervalo seguinte. Que maçada. Voltando a embrulhá-lo no guardanapo, guardou-o na mochila. No entanto, o cheiro a chouriço parecia sair por todos os lados.

Quando se cruzaram com a Mafalda, à entrada da sala, ela não o deixou escapar sem um comentário:

– Ai, Bruno, estás tão gordo, que até cheiras a chouriço!!!

O Manuel não comentou, mas podia adivinhar a atrapalhão do amigo. Sentaram-se lado a lado, como de costume. Geografia... Ah, como ele gostava das aulas de Geografia!

Ao entrar no quarto, a Mariana percebeu logo que aquele ia ser um dia complicado. A Mónica encontrava-se enroscada na cama, com arrepios de frio e olheiras, e tudo indicava que adoecera a sério.

– Vieste quando?

– Logo ao segundo tempo – respondeu a Mónica.

– Estava com febre.

– Que sorte!

– Perdi a aula de revisão de Matemática... Não sei se foi sorte...

– E vais ficar aí, assim?

– Assim como, Mariana?

– A fungar e com pouca luz...

– Desculpa, mas sinto-me tão mal...

– Vou para o quarto da Maria! Aqui cheira a doença!

– És tão exagerada!

A porta abriu-se, e entrou a Alice. Trazia na mão um copo de leite e uma torrada, bem como um remédio para a febre.

– Ai, menina, está tão quente! Eu bem lhe disse que não devia ter saído de manhã! De que é que serviu ter sido teimosa?

A Mónica não respondeu. Sentou-se na cama, tomou o comprimido e encostou-se à Alice, para comer.

– És tão fiteira! Isso é só uma constipação! – resmungou a Mariana, pegando de novo na mochila e saindo dali.

Contudo, não chegou a entrar no quarto da Maria. O telefone tocou, e ela voou até à sala para o atender. Pelas horas, devia ser a Mafalda. Espantou-se ao ouvir a voz da irmã mais velha.

– Maria?!

– Olá, Mariana. Como é que vocês estão todos?

– A Mónica está a morrer com gripe A; o resto está na mesma – respondeu, encolhendo os ombros.

– Gripe A?! Tu estás a falar a sério?!

– Não – confessou a Mariana, um pouco desiludida por não haver mais dramatismo na história. – E tu? Não voltas mesmo?

– Estás a ser chata, Mariana... Parece que desapareci para sempre! Volto em junho; não falta assim tanto tempo.

– Podias ter-te vindo embora antes. Porque é que ainda aí estás?!

– Vá, pouca refilice. Estou a adorar! E tu? Continuas a estudar no meu quarto?

– Acho que até vou dormir para lá hoje. Não tenho paciência para a Mónica e as suas tosses irritantes.

– Ah... E o João Pedro?

– Tenho falado com ele todos os dias – afiançou a Mariana, o que fez sorrir a Maria, do outro lado da linha.

– Anda tristíssimo, mas isso já sabes. O que vale é que eu trato dele, podes ficar descansada.

– Olha, eu não posso demorar muito. Queria só dar um beijinho a todos, porque não tenho conseguido telefonar a horas decentes. Diz aos pais que amanhã falo pelo Skype, OK?

– Está bem... Só sirvo para dar recados...

A conversa demorou mais uns segundos, o tempo necessário para a Maria dar um pouco de atenção à Mariana, deixando-a menos zangada por causa do afastamento. No entanto, assim que a Mariana desligou, ouviu-se um enorme estrondo. Correu até ao quarto da Margarida, que chorava. À sua volta, livros espalhados e uma prateleira partida.

– O que é que fizeste?!

– Não fui eu! Foi a estante que me atacou!

A Margarida apoiara-se na prateleira para chegar ao topo da estante, provocando aquela pequena desgraça.

– Ajudas-me, Mariana?

– Parece que hoje todos precisam de mim! Bolas! Sou sempre eu!

Mas não era verdade. À porta aparecera o Manuel. Ao encontrar tudo no chão, a sua primeira preocupação foi ver se a Margarida se magoara. Caíra desamparada e queixava-se das costas. No entanto, ao virar-se para pedir à Mariana que fosse chamar a Alice, viu que ela já saíra dali. Aquela sua irmã gémea fugia sempre de tudo o que se parecesse com trabalho...

O dia continuou complicado na casa da família Machado. A Madalena começara também a ter febre, e as atenções dividiam-se por todas: a Mónica, a Margarida – que continuava com dores nas costas – e a Madalena.

Só quando já se ia deitar é que a Mariana se lembrou do recado da Maria. Ainda pensou não dizer nada, mas depois achou que era melhor sossegar a mãe. Ao encaminhar-se, de pijama vestido e almofada debaixo do braço, para o quarto da Maria, parou na sala e contou aos pais sobre o telefonema.

– Ah, está bem. E tu? Onde é que vais? – perguntou a mãe.

– Vou para o quarto da Maria. A Mónica não me deixa dormir quando está doente. Faz imenso barulho.

– Mas podias apoiá-la. Coitadinha, se fica sozinha...

– Qual é o problema?!

– Vá lá, Mariana, dá-nos uma ajuda – pediu o pai.

– Com a Madalena doente também, acho que vai ser uma noite desgraçada.

A Mariana ficou furiosa. Mais valia não ter dito nada da Maria. Estava mesmo irritada e sentia a cabeça a estalar! Lá ia ela aturar a Mónica. Contudo, no preciso momento em que entrou no quarto, um espirro violento sacudiu-a.

– Credo, menina! – brincou a Alice, que ia a passar no corredor. – Não me diga que também está a adoecer!

Pondo a mão na testa da Mariana, percebeu que era exatamente isso que se passava.

– Bom, isto está bonito, hoje!

Iriam ser os três dias mais longos daquele mês. A família Machado não tinha mãos a medir. Certamente haviam sido contagiados pela avó Fernanda, no fim de semana.

A virose atacara metade da família!

A visita à arrecadação do pai do Bruno estava a ser fantástica. O senhor, com imensa paciência, explicava aos dois rapazes como se podia fazer um rádio improvisado com alguma facilidade. No entanto, assim que falou um pouco mais, o Manuel ficou preso às suas outras palavras, que, dessa vez, nada tinham que ver com as eletricidades...

– As pessoas faziam tudo para poder ouvir as notícias da BBC durante a Segunda Guerra Mundial – explicava ele. – Como aqui, em Portugal, o que se dizia nos noticiários era tudo menos verdadeiro, sintonizava-se a BBC. O Fernando Pessa estava em Inglaterra e conseguia falar da guerra, da real!

– A sério?! Extraordinário!

– O meu avô ouvia sempre que podia. Aqui, era como se nada de grave se passasse... – continuava o pai do Bruno.

– E sabiam dos campos de concentração nazis?

– Não, ninguém imaginava... A dimensão do que aconteceu nesses campos só mais tarde veio a saber-se, Manel. Por muito incrível que isto te soe, as pessoas ouviam os boatos e não acreditavam.

– Eu acho que, mesmo hoje, parece mentira o que se fez aos judeus na guerra. Morreram milhares e milhares de pessoas!

O Bruno levantou os olhos para os dois. Conseguira montar a parte que faltava, mas a conversa despertara também o seu interesse.

– Porque é que faziam isso? – perguntou.

– Para apurar a raça ariana – disse o Manuel, num tom solene. – Os judeus eram uma ameaça para os alemães, que queriam ser os mais fortes. Sendo os judeus muito cultos, trabalhadores...

– Com muito poder económico – completou o pai do Bruno. – Foi uma mistura de tudo, desde o racismo à desconfiança. Os judeus têm sido perseguidos muitas vezes...

– Ó pai: e essa BBC que se ouvia... era em inglês?

– Não – explicou o engenheiro. – Era um serviço para Portugal. E não se ficou por aí. Antes do 25 de Abril, continuavam as emissões.

– Contra a ditadura? – quis saber o Manuel. – Não sabia...

A conversa correu, já um pouco esquecidos do rádio improvisado que esperava alguma atenção em cima da bancada.

Tanto o Manuel como o Bruno se interessavam por assuntos culturais. E poderiam ter ficado a ouvir mais coisas, não fosse a hora do jantar tê-los surpreendido.

– Tenho de ir – disse o Manuel. – A minha casa parece uma enfermaria...

- Ai, sim? – perguntou o pai do Bruno.
- É mesmo. Tudo a fungar e com febre.
- Que maçada...

O Manuel correu para casa. Sabia que era preciso dar uma mãozinha à Alice, pois a Mónica, a Mariana, a Madalena e a Margarida, que fazia render a dor nas costas, davam muito trabalho.

Encontrou-se com o Miguel à porta.

- Vais sair?!
- Vem comigo. Isto está mau...
- Já há mais pessoas doentes?
- Não... Muito pior!
- O que foi? – perguntou o Manuel, enquanto seguia o irmão. – Porque é que estás a espreitar para baixo dos carros?
- A Mónica não pode descobrir...
- O quê?
- A *Estrelinha* fugiu da gaiola. O *Mister* está num desassossego, a tentar sair de casa. Ela deve estar algures por aqui.
- Mas... e se ela fugiu para longe?!
- Nem digas isso! – pediu o Miguel, abrindo os olhos ao irmão. – Temos de a encontrar, ouviste? Vai por esse lado, que eu vou por este.
- *Estrelinha!* – chamou o Manuel.
- Calado, pá! Queres que a Mónica oiça?!
- Desculpa, desculpa... *Estreliinhaaaa...?*

